

## FICHA CATALOGRÁFICA

ROZZA, Valdir. *História Oral nos bairros (Rodeio)*, nº2. Entrevista realizada por Gabriel Dalmolin. Rodeio, 28 de julho de 2022.

## FICHA ENTREVISTA

**Entrevistado:** Valdir Rozza (V.R.)  
**Morador do bairro:** Centro (Rodeio)  
**Natural do bairro:** Rodeio 50 (Rodeio)  
**Idade:** 85 anos  
**Ocupação:** Comerciante aposentado  
**Data da entrevista:** 28 de julho de 2022  
**Data da transcrição:** 27 de maio de 2023  
**Nº da entrevista:** 2  
**Entrevistador:** Gabriel Dalmolin (G.D.)  
**Transcrição:** Michel Honório da Silva.  
**Local da Entrevista:** Av. Presidente Kennedy - Centro (Residência de Seu Valdir Rozza).



## ENTREVISTA

**G.D.- Então, boa tarde, seu Valdir!**

**V.R.-** Boa tarde! Vamos chegar perto, então.

**G.D.-** Então, a gente está com esse projeto de fazer a história oral nos bairros: “De bairro em bairro”. A gente começou há um tempo atrás. E daí hoje a gente está com o senhor Valdir Rozza, do bairro *Centro*, mas que é natural do “50”<sup>1</sup>.

**GD-** A primeira pergunta que eu gostaria de fazer é: qual é a origem da família Rozza?

**V.R.-** Da Itália. Eles vieram da Itália. Então eles vieram... O meu avô e o meu bisavô e mais três mulheres vieram. O meu bisavô se chamava Giovanni Battista Rozza. E o meu avô, Pietro Paulo Rozza. Esses vieram da Itália. O nome das mulheres eu não sei. Eles vieram em “75”<sup>2</sup>. Eles vieram naquele

---

<sup>1</sup> Bairro *Rodeio 50*.

<sup>2</sup> No ano de 1875.

navio *Ville de Santos*, nome dele francês, né. E, vieram naquele navio... Daí, se estabeleceram lá, os últimos moradores do Rodeio 12, vindo em direção à Rodeio. Que é ali, quase perto da igreja do Rodeio 32, último terreno. Daí, o meu avô ficou doente e morreu. Daí a minha avó ficou em dificuldades. Como essa minha avó era irmã do João Tomelin, o João Tomelin pegou o meu pai, que era o Júlio Rozza, trouxe para a casa dele e ensinou a profissão de alfaiate. E o meu pai trabalhou de alfaiate “parece que” por 21 anos. Trabalhou aqui em Rodeio. Dois anos aqui em Rodeio e o resto lá no Rodeio 50. Daí ele casou em 1939, com a minha mãe, que era a Ida Pisetta. E continuou com a alfaiataria. A minha mãe, costureira. Em “47” ou “48”<sup>3</sup>, desistiu da profissão de alfaiate e começou, com o Júlio Berri, uma sociedade comercial, de comércio. Então eles compraram esse Chevrolet Ramona, que eu te falei. E enchiam a caminhonete e iam vender nas casas. “Mascate”, o verdadeiro “mascate” italiano (**Risos**). “Allora dis que l'era così”<sup>4</sup>. Então, foram crescendo. E havia essa Sociedade Cooperativa “São José”, que estava indo assim... Ela se desfez, ela faliu. Então eles compraram o prédio e o “restinho” que tinha lá. E a loja, transferiram lá. Lá criaram uma loja de... Uma venda, como nós chamamos. Uma venda. Eles foram crescendo.

**G.D.- Em que época mais ou menos que eles compraram?**

**V.R.-** Em “47” ou “48”. Daí ficaram até... O meu pai ficou... É em “48”, porque o meu pai ficou 10 anos na Sociedade. E meu pai e o Júlio Berri se separaram em 1958. Então, era um fato notório que o meu pai e o Júlio se deram muito bem na Sociedade. Nunca tiveram algum problema. Porque é raro em uma sociedade não brigar. Assim, se desfaz porque tem desentendimento. E o meu pai e o Júlio não se desentenderam. Eles se separaram por questão. Porque o meu pai tinha um filho só, que era eu. E o Júlio tinha 14. Então, tinha dificuldade. Porque eu, por exemplo... O meu pai dizia: “não pega o carro, que é um fogo pra dirigir. Porque o Júlio também tem os filhos dele que querem pegar”. Então, não podia andar, dirigir o carro. Daí, então, resolveram

---

<sup>3</sup> Em 1947 ou 1948.

<sup>4</sup> “Dizem que ele era assim”. (N.T.)

se separar, porque o Júlio Berri ia colocar os filhos no negócio. Daí, logo ele começou, mas não deu bem certo lá. E ele vendeu de volta para nós. Para o meu pai e para a minha mãe. Em 1959. Não ficou um ano. O Júlio Berri não ficou um ano com a venda. Daí começamos. Daí eu fui. Eu fiquei um ano, quase um ano e meio, em Niterói, no Rio de Janeiro. Trabalhei no Depósito de Madeiras do Ervino Fronza, vendendo portas e janelas. Depois eu voltei. Eu queria voltar pra ficar na venda. Voltei junto com o meu pai. Daí começamos o negócio. Daí, também o negócio se expandiu. Porque começamos a ir à São Paulo para fazer compras. Daí comecei a vender geladeiras, que era uma novidade! Comecei a vender fogão a gás, que ninguém tinha fogão a gás. Daí a loja cresceu assim. E aí, em 1981, a loja Rodeio 50 pegou fogo. Nós perdemos muito. Mas nós ainda tínhamos assim... Uns recursos. E aí nós fizemos uma loja e nos estabelecemos aqui em Rodeio. Até 2019. Então, imagina: comecei em 1960 e fiquei até 1919 (sic)<sup>5</sup>. Então, 59 anos. Daí a gente de desfez da loja.

**G.D.- E o senhor era filho único mesmo?**

**V.R.-** Eu não tenho nem irmão, nem irmãs. Era filho único mesmo. E era a grande paixão do meu pai, porque... O meu pai “não estava bem na roupa”, como se diz. Porque todo mundo tinha acima de dez filhos. E o meu pai, um só. Ele não estava bem na comunidade. Porque todo mundo devia ter seis, sete, oito, dez... Daí a minha mãe fez muita, muito tratamento médico em Blumenau, para ver se conseguia engravidar novamente. E ela não conseguiu. O médico não conseguiu. O médico prometia: “daqui a um ano você vai ficar grávida”. Dizia o médico: “com esse tratamento aqui”. Nada. Eu estava estudando em Blumenau. Daí ela [a mãe de Valdir Rozza] vinha: “*El medico m’a dit che nel’altro àn resto gravida*”<sup>6</sup>. Cada vez que, né... Então ficou... Daí, nesse interim, vamos dizer... Nos anos “50”, em 1954, eu fui para o Colégio “Santo Antônio”, em Blumenau. Fiquei lá por cinco anos. Fiz o “Ginásio”, de quatro anos, antigamente. Fiquei lá. E um ano fiz o “científico”, de manhã, e

---

<sup>5</sup> Na entrevista, o senhor Valdir Rozza diz 1919. Mas, o ano se trata de um erro na fala do entrevistado, conforme pode ser verificado na fala do mesmo, ao dizer que a loja existiu até o ano de 2019.

<sup>6</sup> “O médico me disse que no outro ano estarei grávida”. (N.T.)

o “contador” à noite. Fiz um ano só, depois eu saí. Daí eu fiz o segundo ano em Niterói, de “contabilidade”. E o terceiro eu fiz em Timbó. Eu fui para Niterói. Eu não servi ao exército lá, tá? Porque a turma... Uma vez veio aqui uma mulher, me entrevistou. Aquela lá do “Jornal de Timbó”. Colocou que eu fui servir ao exército. E eu não falei. Falei assim como eu falei para você, né. Mas ela colocou: “foi servir ao Exército no Rio de Janeiro”, ela colocou.

**G.D.- Não chegasse a ter que servir?**

**V.R.-** Não, eu fui dispensado. Daí... Então... Depois eu vim para casa, que o meu pai queria que eu viesse pra casa. E eu também, estava louco para vir para casa pra trabalhar, queria trabalhar. Eu queria ser comerciante. Porque a minha mãe me fazia fazer o “científico”, porque ela queria que eu fizesse medicina, odontologia, qualquer coisa assim. Então ela me forçava. E eu: “Ah, não. Quero ir pra casa, quero trabalhar”. **(Risos)** E é assim. E a loja se desenvolveu. Teve uns períodos bons, uns anos bons. **(Pausa de alguns segundos)** E a gente formou aquele patrimônio que a gente tem com o comércio.

**G.R.- E quais outros comércios tinham nessa época aí? Os primeiros comércios.**

**V.R.-** Lá no Rodeio 12 tinha o José Ostrowski Júnior, era uma venda boa, forte. Que antigamente era do Serafim Giacomelli. E o Serafim Giacomelli era famoso lá. E ele mesmo vendeu para o José Ostrowski Júnior. Daí eles tinham venda e descascador. Certo?! Aí “vem aqui pra dentro”, os Pacher. Os Pacher também tinham a venda, cerraria e o descascador. No Rodeio 12. Daí “lá dentro”, nos Gadotti, na tifa lá... Os Gadotti tinham o descascador. Já tinham. E era “Gadotti Irmãos”. A venda eles tinham no Rodeio 32. Tinham venda “ali”. E a cerraria, eles tinham a cerraria. E o descascador era lá no Rodeio 12. Era deles. Era “Gadotti Irmãos”, o nome da empresa. Aqui pra dentro tinha a madeireira, que era do Ervino Fronza. Que ele começou uma fábrica de portas, móveis... portas e janelas. E ficou uma empresa poderosíssima! Chegou a ter 300 funcionários. O Ervino Fronza chegou a ter 300 funcionários! E era uma potência. Que a madeireira... Tu ainda sabe... Que agora não, mas

já era uma potência, até bem pouco tempo. Aí, “chegou” aqui no **[Rodeio]** 50, tinha a venda do Rozza. E ela se chamava, na época, Berri e Rozza. Tinha o Tercílio Tomelin, que tinha um “secos e molhados e bar”. Daí, “aqui embaixo”, tinha o Mário Girardi, que tinha um “secos e molhados e bar”. É o pai do Alcides Girardi, lá do **[Rodeio]** “12”, não sei se você conhece.

**G.D.- Acho que não...**

**V.R.-** Então, tinha três no “circuito”. Nós não tínhamos bar, mas os outros dois tinham bar. E vendiam assim... vendinha, né?! Eles chamavam de venda, antigamente. E, “aqui pra dentro”, vinha para Rodeio, ali na entrada do “Pico”, tinha o Uldérico Pretti. Ele era famoso, comprador de banana e... Ele era um negociante bom. Tinha o Maximiliano Venturi, que era genro dele, que cuidava bastante ali.

**G.D.- Aquele que foi prefeito?**

**V.R.-** Aquele que foi prefeito. Daí você vinha “mais pra dentro”, daí tinha uma filial da Sociedade Cooperativa. “Ali” em Rodeio, tinha umas filiais da Sociedade Cooperativa “São José”, do Rodeio 50. Que era ali na frente do Posto Pegoretti. Que hoje é a casa do Girardi, ali. Girardi, aquele contador, tu sabe?

**G.D.- Sim, sim... Aquela azul, ali?!**

**V.R.-** Não é essa casa, aí. Ela foi derrubada e foi feita essa. Mas a filial da Cooperativa era ali. Do outro lado, aquela que eu te disse, era o Comercial “Fava”. Certo?! E teve um tal de Gênio Conti, que eu não lembro mais onde era a venda, mas que era... Era uma venda boa também. Aí depois, tinha o Damin, que “eles” chamavam. O Damin, era o... Sacenti. “Aquele lá” tinha um comércio bom também. Esses eram os comércios que eu sei que existiam em Rodeio. E, lá no Diamante, tinha o comércio do Gadotti, do...

**G.D.- Zermiani?**

**V.R.-** Do Zermiani, que era um... do Zermiani que eles tinham... me esqueci... que inclusive uma mulher vinha sempre lá em casa comprar coisa pra vender lá. E o Zermiani. E tinha também o Gadotti, aquele que tinha a balsa. Como é

que era o nome dele? “*Pórco diaol!*”<sup>7</sup> Não era Aníbal?! Aníbal? Não, acho que não... Meu Deus! Eu conhecia ele, que... Ele era meu cliente. Quando tinha a loja, ele era ainda vivo... Ele parou... Fecharam a balsa, né?! E ele... **(pausa)** “*Pórco diaol!*”<sup>8</sup>

**G.D.- Como é funcionava essa balsa aí?**

**V.R.-** Essa balsa... Ela era deles... E essa balsa aí, era o seguinte: era uma briga. Que existe uma briga, inclusive, muito grande disso aí. Porque eles queriam que atravessassem mercadorias. E eles queriam que parassem o trem. Transformar aí na... na... na... “na Ilse”, numa parada de trem. Pra mandar as pessoas para Blumenau “e coisa”... E eles não conseguiram. Não sei se conseguiram embargar. Não conseguiram aquela parada definitiva. Não conseguiram! E era uma briga da... da... do povo de Rodeio com a estrada-de-ferro. Não sei se você ouviu falar nisso?!

**G.D.- Sim.**

**V.R.-** Uma questão que “assim”... Que eles queriam, queriam, queriam. E não... Eu acho... Você soube se eles conseguiram? Ou não? Acho que não, né? Não conseguiram...

**G.D.- Parada, não...**

**V.R.-** Eles queriam que o trem parasse e construíssem um “armazenzinho”. Então, o pessoal trazia “ali no Gadotti”. Gadotti atravessava com uma balsa. E depositava lá. Para mandar para Blumenau, para Itajaí...

**G.D.- Mas “daí ficava onde” esses produtos?**

**V.R.-** Eles ficavam “ali” no Armazém do Gadotti.

**G.D.- Ah, ficava “ali”...**

**V.R.-** Onde hoje é o Possamai.

**G.D.- E daí eles cruzavam...**

---

<sup>7</sup> Na tradução: “Porco diabo!” ou “Diabo nojento!”. Expressão usada no dialeto local como uma forma de praguejar. No caso em questão, por não estar lembrando o nome da pessoa. (N.T.)

<sup>8</sup> Na tradução: “Porco diabo!” ou “Diabo nojento!”. Expressão usada no dialeto local como uma forma de praguejar. No caso em questão, por não estar lembrando o nome da pessoa. (N.T.)

**V.R.-** Não, eles queriam isso, mas eles... Aí, eles... eles iam lá em Ascurra despachar... Porque eles queriam fazer "aqui no Diamante", que era mais perto.

**G.D.-** Mas daí atravessava na balsa e ia com um... com um "ônibuzinho" ou uma coisa assim?

**V.R.-** Atravessava na balsa do Gadotti. Elias Gadotti! Elias Gadotti. Com o que que eles atravessavam, o que que ele tinha, eu não sei... Carroças?!...

**G.D.-** Que ele tinha que levar até Ascurra.

**V.R.-** Não. "A turma queria", mas isso aí não aconteceu. Não aconteceu, porque... Eles não conseguiram a parada. Sabe? Não conseguiram, a parada do trem. Então "a turma" ia daqui "pra" Ascurra. E eles queriam ir "lá embaixo", que era mais fácil.

**G.R.-** Sim. Que acho que até tem uma foto da balsa. Está no livro do Geraldino. Tem uma "balsazinha".

**V.R.-** Que tem uma balsa... Aquela... "É", mas essa aí é aquela "aqui" de Ascurra. Não aquela "lá embaixo".

**G.D.-** É?

**V.R.-** Que eu sei mais ou menos qual é a foto. Tem um caminhão em cima, né?

**G.D.-** É.

**V.R.-** Já vi! E Eu" atravessei muitas vezes essa balsa" (sic), porque eu ia... como eu te falei, fiquei cinco anos em Blumenau. E, "ali", não tinha ônibus pra... aos domingos. Eu tinha que vir "pra cá" pegar o... Eu chegava aqui, tinha um "Correio", que "eles" chamavam. Que levava aqui "do Rodeio" para a estação. Todo dia, o "Correio". Chamava ele "Correio", porque ele "pegava" também o correio. Eu chegava "aqui", o "Correio" saía não sei que horas. Mas chegava "aqui" [e dizia]: "Onde é que 'tá'?" [Eles diziam:] "O 'Correio' não 'tá'. Foi levar os jogadores 'pra' Blumenau". "Lá", né?! Então, eu tinha que "pegar" a pé, né?! "Sentar o pau", "pra" chegar em tempo, não perder o trem. Aí eu chegava "ali", "no Depiné", na esquina. "Ali" em Ascurra. Tinha o bar do Depiné. Aí tinha um... Tinha uns três, quatro... De Ascurra que iam

também, “pra baixo”. Tinha o Valter Buzzi... E um tal de Valdemar Testoni, que “tava” num internato, também. Meletinio Merini “tava” no internato. E um Poffo, que trabalhava no “Pudim Medeiros”. Então, [eu] chegava lá. Eles “tavam” lá jogando sinuca. Eu gritava: “O ‘Correio’ não vem!” E “tirava” tudo lá! E “tack!” “*Per darghe temp*”<sup>9</sup>. Mas nós “tinha” que ir lá, porque nós “tinha” que chamar... Chegava lá na balsa, tinha que começar a chamar. Chamar o “Milio”... “Milio”... “Milio Rozza” [Emilio Rozza]: “Bahn!”, “Beh!” Para eles “vim” atravessar a gente. “Às vez chegava lá”, tinha três, quatro, esperando. “Mais nós”... Daí, se “tinha” poucos, a gente ia em cima da canoa. Ele tinha uma canoa grande, “assim”. Oito pessoas ele “botava” na canoa. Eles ficavam em pé! Se segurando “um com o outro”. E, se tinha mais, “aí” vinha um “cara” e atravessava à balsa. “Pra” chegar lá na hora, “pra” não perder o trem. Porque o trem passava, não sei que horas... perto das quatro, três e meia?! [Dezesseis horas/ quinze horas e trinta minutos] Então, a gente ia para Blumenau, de trem.

**G.D.- E, “daí”, indústria, o que que tinha, “assim”?**

**V.R.-** Bem...

**G.D.- A Madêmer, né? Tinha...**

**V.R.-** A Madêmer. Tinha o Antônio Fronza, [que] também tinha uma marcenaria. Tinha um... Tinha um... Um Fronza. Só que o primeiro nome eu não lembro mais... Não saberia... Ele tinha uma marcenaria também. E ele é que fez os bancos da igreja do “Rodeio 50”. Foi ele que fez! Foi ele que fez os bancos da igreja do “Rodeio 50”. Foi ele que fez...

**G.D.- Uhum...**

**V.R.-** Aí, era essa aí... “Depois”... “Ali” o [Rodeio] “50”, também tinha um descascador e tinha uma indústria de... na... na... uma... “Berri Irmãos”, que era uma potência! Não sei se ouviu falar nela?!

**G.D.- Já, mas eu não lembro o que é que faziam. Eram implementos, não?**

**V.R.-** Eles faziam implementos agrícolas. Mas eles faziam uns arados americanos, “que eles falavam”. Que eles tinham uma qualidade... A

---

<sup>9</sup> “Para dar tempo” (N.T.)



qualidade deles era “ímpar”! E eles vendiam. Vendiam... Tinham dinheiro “até não querer mais”!

**G.D.- Era “ali” mais ou menos no Busnardo?**

**V.R.-** Não, era aqui onde é o posto de saúde. “Ali”. “Ali” onde é o posto de saúde. **(pausa de alguns segundos)** Que “ali”, Te...que...se...fosse... se você quer saber da... da... da... da..., que essa empresa foi grande, foi poderosa. Rodeio 50...

**G.D.- Que era esses aí, daquele que tocava bandoneon, não?**

**V.R.-** Não.

**G.D.- Não? ...**

**V.R.-** O Hilário?!

**G.D.- “É!”**

**V.R.-** Sim! Dele, dele... Do Hilário. O Hilário também tocava bandoneon. Que tinha um outro que também tocava bandoneon. Que tinha um outro que tocava bandoneon, que era o Domingos Pisetta. Eu pensei naquele.

**G.R.- Ah, “tá”.**

**V.R.-** Mas o Hilário também tocava.

**G.D.- Eu lembro que o Hilário chegou aos 100 [anos], né? O Hilário.**

**V.R.- “É”,** o Hilário. E lá ele tem... tem o filho dele. O Juscelino. Aquele podia te dar, assim, mais subsídios. Se você precisasse, assim, de mais informações. E ele vai te dizer que eles eram uma potência!

**G.D.- Eles têm fotos? Coisa assim, sabe?**

**V.R.-** Foto e...

**G.D.- É que eu quero fazer um capítulo dessa parte, sabe? Dos comércios e da indústria.**

**V.R.-** Pois é.

**G.D.- Aí era interessante.**

**V.R.-** Eu tenho... eu nunca mais vi uma foto da “Sociedade dos 50” antiga. É que nós tínhamos, é... Eu tinha... Porque assim, lá em Blumenau, “no Santo Antônio”, era o fotógrafo do colégio... Era eu! Aí fui comprando máquina, negociava máquina, daí ia melhorando e tal... E aí, quando eu voltei de

Blumenau, com as fotos que eu tinha “daqui”, gravei oitocentos “*ritrati*”<sup>10</sup>, mais ou menos. Por que eu fazia e vendia, sabe?! A gente tinha um jogo, batia um “jogo”<sup>11</sup> (**sic**) do time. Vendia “pros” garotos no colégio. Dentro do colégio. Quando tinha enchente, vendia de enchente... (**risos**) Eu vendia foto de quando tinha enchente em Blumenau. E, “pera”, deixa eu pensar bem agora, “pra” te passar as informações... Ah! Lá dentro, “na Fúria” tinha um descascador, que antigamente era do Arcangelo Tomelin. Depois foi do meu pai e do Júlio Berri. E do lado tinha uma cerraria, que era do Arcangelo Tomelin, lá “na Fúria”. “Na Fúria” tinha uma cerraria, que era do Arcangelo Tomelin. Depois “ficou” do Arcangelo Berri. E tinha o descascador, que depois foi do pa... Que era do... Quem fez foi o Arcangelo Tomelin. O descascador. Venderam, não sei “pra” quem. Depois venderam “pra” nós, Rozza... Berri e Rozza. E, inclusive, uma fábrica de cachaça. Um alambique. E... E a marca da cachaça era: “É Com Esta Que Eu Vou!”. Era a marca da cachaça! (**Risos**) E eles vendia... E também ela tinha a fama de ser uma cachaça boa, eles vendiam bem. E, eles... Arroz. E, “depois”, deixa eu pensar... Daí “no [Rodeio] 50” era isso. Ah, o Arcangelo Tomelin teve venda “no Rodeio 50”, na entrada “da Fúria”, mas isso antes do que eu... Antes de mim, ainda, né?! Nem “tava” vivo... “É”, nem tinha, “acho”, nascido quando ele tinha... Mas ele tinha uma venda boa! Arcangelo Tomelin era uma pessoa rica! Ele tinha um patrimônio enorme. Fez bom trabalho “ali”. Na Ponga... Ah, na Ponga tinha... tinha... Na Ponga tinha uma olaria. Na Ponga! Tinha uma olaria dos Cristofolini. Dos irmãos. Um era Manoel e o outro era [não lembra do nome]. Eles tinham uma olaria, fábrica de tijolos, na Ponga. Pensar...

**G.D.-** E, “assim”, aqui no “Centro” mais? Não...

**V.R.-** Aqui no Centro tinha uma olaria que era do Kaiser Furlani... E os Conzatti. “Lá fora”, os Conzatti. “Tinha” também olaria. E tinha uma que era do... Valmor Venturi. Que era grande! Três olarias, que eu sei que tinha aqui. Valmor Venturi, do Kaiser Furlani e do... dos Conzatti. Mas, a... O Kaiser

<sup>10</sup> Em português: Retratos (N.T.).

<sup>11</sup> Provavelmente um equívoco na fala, trocando a palavra “foto” por “jogo”.

vendeu “pros” Conzatti. “Dizer assim” ... Duas, vamos dizer que “tiveram”. E, “é” ... E foi assim: quando fizeram a “Igreja do [Rodeio] 50”, não sei se tu “sabe”?! Eles compraram uma olaria para fazer os tijolos. Compraram uma olaria para fazer os tijolos! Da Igreja! Porque tem milhares de... de... Tu não pode imaginar o que tem de tijolo nessa Igreja, inclusive “pro” fundamento... Eles foram “lá embaixo”, sete, oito metros “pra” fazer aquelas torres! “Tu vê” que elas são torres que não têm um “racho”. Foram “lá” uns oito metros, tudo com tijolo, com cimento. Milhares de cimento! Milhares gastaram lá! E, “ali” tinha a olaria que era da... da Igreja. E todo mundo ia trabalhar lá de graça. Para ajudar. “Aí, então”, eles fizeram a primeira fornada. Primeira fornada! “Pra” queimar o tijolo. “Aí”, fizeram uma campanha. Quem... Fazia uma campanha, “pra” juntar dinheiro... Quem vai acender a primeira fornada de tijolos da “Igreja [do Rodeio] 50”? “Daí” tinha os “Cruzadinhos”. Já ouviu falar nos “Cruzadinhos”? Que os “Marianos”, tinha os “Filhos de Maria”. Que tinha “Ordem Terceira”. E nós, os “Cruzadinhos” - eu era o presidente dos “Cruzadinhos” - ganhamos! “Arrumamos” mais dinheiro! **(Risos)**

**G.D.- (Risos)**

**V.R.-** “Aí”, quem acendeu, fui eu! Eu que acendi a primeira fornada. Pois, ih... Tinha esquecido! ... Aqui em Rodeio tinha o Frei Ladislau. Não sei se “tu tinha” ouvido falar?

**G.D.- Sim.**

**V.R.-** Que ele era muito famoso. Gostava muito de criança. “Aí”, numa “Festa da Sagra”... Numa “Festa da Sagra”, ele queria que eu desfilasse com ele vestido de... Pusesse um terno branco de “Cruzadinho” e que desfilasse com ele “de Cruzadinho” num jipe<sup>12</sup> “lá”. “Aí”, é no... É no... Naquele ano, eu fui “pra” Europa. Disse: “Ah, eu não... Não... ‘Tô indo... Vou ‘pra’ Europa.” “Aí”, **[ele]**, disse assim: “Estás falando que coisa?” “Aí” ele falou “pra”... Acho que

---

<sup>12</sup> Denominação dada a veículos de grande porte, que possuem espaço entre eixos reduzido, com altura livre do solo e tração quatro por quatro, estilo off-road, muito comuns em cidades interioranas durante o século XX, principalmente para transporte de pessoas ou para serviços em propriedades. Por vezes, como no caso relatado, tais veículos também eram utilizados em eventos e procissões, para transporte de pessoas e/ou estátuas.

até “pro” Geraldino. Falou “pro” Geraldino. Ele disse: “Quem acendeu a primeira fogueira?” Eu não sabia... “Quem acendeu a primeira fogueira?” Ah... O primeiro forno da... Da... A primeira fornada... Queima de... De... De... De... Tijolos... Do... Da Igreja. Ele disse: “Foi o Valdir Rozza.” “Aí”, eu fiquei sabendo... Me lembrei... “Aí” eu me lembrei! Eu nunca... Se me pergunta... Eu tinha esquecido... Nunca falei que eu tinha feito isso, porque eu não lembrava mais. E aí disseram: “Foi o Frei Ladislau que disse!” Que fui eu, que fui eu! E falou “pro” Geraldino e coisa... “Aí”, o Geraldino “botou” uma vez... Acho que no livro dele, ele “colocou”. **(Pausa de alguns segundos)** E, agora, vamos assim... “De negócios”, né?! Tem interesse saber “negócios”. E aquele lá em cima “do Saspá”, que eles chamavam? Do... Do... Giovanni Ochner. Já ouviu falar?

**G.D.- Não.**

**V.R.-** “João” Ochner!

**G.D.- É no Pico, não?**

**V.R.-** É no Pic. Ele foi um comerciante bom também por... Dizer assim, forte “lá em cima”. Na frente da Igreja. “João” Ochner.

**G.D.- Aham...**

**V.R.-** Ele tinha uma venda. Ele era esperto. Ele ia lá em Itajaí, comprava um caminhão de açúcar. “Aí” faltava açúcar, tinha... Ele... A “turma” tinha que ir lá no João Ochner, buscar. Tinha crise de cerveja. A “turma”, aqui nos botecos, aqui não vinha cerveja. Não vinham entregar cerveja, porque não tinha, “né”?! Daí, “lá em cima no João Ochner, ele tinha um depósito cheio. **[Ruído de fundo: som de celular]** Ele vendia “pra turma aqui embaixo”. **(Risos)** Te informa bem sobre isso aí. Se alguém pode te passar informações João Ochner. Você vai rir! Até... Que a “turma” ria! **(Risos)** Giovanni Ochner. Aqui... E o “bicho” comprou um caminhão Chevrolet novo. E ele tinha um genro, que era motorista. E foi vereador. E ele levava o tabaco “pra” Blumenau, “pros” ... “Pros” ... “Souza Cruz” ... “Pra” ... né?! ... Dos... “Pros” ... Dos colonos. E, agora, falando em tabaco, tem que dizer... Fazer uma... Um... Uma ressalva. Em Rodeio se plantava tabaco “pra” Europa. Já ouviu falar nisso? Lá onde era o

Ostrowski, o filho do Giacomelli ele... Ele exportava. O... Os Pacher exportavam “pra” Europa. E... Nos... Tinha mais um. Eu não sei, na... Acho que aqui em Rodeio. Não sei bem direito, se era a “Companhia Fava”. Isso eu não sei, mas...

**G.D.- “É”, daí já é mais recente...**

**V.R.-** Eu sei que eles exportavam fumo “pra” Europa.

**G.D.- Aham.**

**V.R.-** Exportavam.

**G.D.-** Mas, isso “já” é anos...

**V.R.-** Nos “anos 30”<sup>13</sup>.

**G.D.-** Então ainda tinha... “É”, que eu sei que a Cooperativa, “ali”, “do 50” foi feita “pra” esse fim, né?! “Pra” exportar... E a do “Centro”, que “tinha”, né?!

**V.R.-** “Uhum”.

**G.D.-** Foram feitas, basicamente, “pra” exportar o tabaco “pra” Áustria, “pra” Itália, né?!

**V.R.-** Eu sei que elas exportavam “pra” lá. Que o meu pai é... Era trabalhador quando era pequeno, ele trampa... “Scoiava el tabac”<sup>14</sup>: “Escolher o tabaco”. O meu pai trabalhou na “Escolha”. Mas eu sei... Eu não sabia que a Sociedade “ali” também exportava. Mas você tem todo sentido! Sabe por que? *El pichea sú*<sup>15</sup>, *lá de cima del for, né?!*. E tinha os armazéns. E aí, me lembro: *Che ghera tuti i ciòldei*<sup>16</sup>. Para secar o tabaco.

**G.D.-** Era pregado? ... Era pregado?

**V.R.-** Uma parte, mas era só... Acho que o que eles produziam. Não era uma quantidade, não... Era empilhado.

**G.D.-** Uhum... “É”, que tem... Até encontrei lá em Blumenau. Eu peguei... Só que eu acho que era dessa filial. Já tinha o estatuto.

**V.R.-** De Rodeio... A filial... De... Da... Da... Daqui?

---

<sup>13</sup> Nos anos 1930. (N.T.)

<sup>14</sup> Em português: “Escolher” ou “Escolhendo o tabaco”

<sup>15</sup> Em português: “picava lá de fora”.

<sup>16</sup> Em português: “que tinha tudo os preguinhos”.

**G.D.-** É...

**V.R.-** Aqui em Rodeio?

**G.D.-** Aquela que ficava aqui no “Centro”, eu acho...

**V.R.-** “Que” sabe quem levou tudo? ... Quem levou tudo? ... Quem levou tudo? Foi o... Alfredo Girardi, que trabalhava [de] contador. Quando ele quis... Encerrou... Ele levou todos os pap... Ele foi trabalhar em Timbó. Ele levou toda a documentação “pra” Timbó. E ninguém se interessou. Um dia eu... Uma vez eu lembro que eu fui lá. Eu pensei: “Bom, mas será que não tem nada?” Fui lá falar... “Tem mais nada... tem mais nada”. A gente não sabe se não queriam entregar “pra” gente ou... É, decerto não tinham mais nada... E eu tinha um bloquinho de notas fiscais, eu tinha. E... Lá no “Santo Antônio”, em Blumenau... Só que... Aqueles anos... Fazia uma nova brincadeira... Acabei com o bloco. Me lembro que eu acabei com um bloco inteiro lá “pro” ... Fiz.. Eu fazia brincadeira com... Com o bloco. Ah...

**G.D.-** E, assim, voltando um pouco lá “pra” época da imigração, né?! Uma vez tinha “me” comentado que a “Igreja do [Rodeio] 50” não ficava onde que ela é hoje, né?

**V.R.-** Não. Ela ficava no lote... No lote número 50. Que fica “ali” na entrada da Fúria. E “ali”, eu não sei se ainda tem agora. Mas ainda dá “pra” ver... Eu... E-Eu não sei... “Calma” ... O meu tio, era Leopoldo, aquele expedicionário, ele tinha... Ele sabia bem ainda, os... [Onde] tinha os sinais... Ficaram sinais ainda da... Da Igreja. “Aí” foi feita a Igreja “lá em cima”. “Uma”, que não é essa “ali”. “Que” você já tem aquelas fotos da “antiga”, “né”? Aquela de... Foi feita... Daqui de baixo foi feita lá em cima. E, “ali”, lote número 51. Quem vendeu esse terreno aí “pra” igreja foi o Tomelin. Não sei se foi o Arcângelo, o pai do Arcângelo, o seu Antônio... Mas foram os Tomelin que deram essa “terra ali”. E aquela “aqui embaixo” também era do Tomelin. “Daí” era a primeira “Igrejinha”.

**G.D.-** Uhum... Mas era na entrada da “Fúria” ou da “Ponga”?

**V.R.-** Na entrada da “Fúria”. Na entrada da “Fúria”!

**G.D.-** Mas “daí” não ficava do outro lado?

V.R.- No outro lado.

G.D.- Ah, "tá". De frente, então "pra"...

V.R.- Lote número 50. E lote número 51. Par "pra cá" e par "pra lá". Dá bem certinho. Esse terreno aí...

G.D.- "Que" a entrada da "Fúria" é no lado da Igreja.

V.R.- Exatamente. "Ali" é o lote número 51, 52 e...

G.D.- Ah, "tipo" ficaria de frente "pra Fúria".

V.R.- Não...

G.D.- Se é o "50"...

V.R.- "De costas" para o "50". Lote número 50?

G.D.- É...

V.R.- A primeira?

G.D.- É... Sabe...

V.R.- A primeira ficava de frente "pra Fúria".

G.D.- Ah, "tá". De frente "pra" entrada. Não...

V.R.- (Ruídos da gravação e toque de mensagem de celular podem ser ouvidos nesta parte) "Aqui" era entrada da "Fúria"... "Aqui" era a Igreja, "aqui". "Aqui" era o asfalto.

G.D.- "Aham", agora entendi. "Que" eu imaginava que era "ali" na "Ponga". Mas...

V.R.- Não, não é na "Ponga". Mas é ao lado da "Ponga". Ao lado da "Ponga".

G.D.- Sim, sim... "É"...

V.R.- Só que "lá" embaixo, no lado do morro. Lá na entrada da...

G.D.- Sim, sim... Tem que ser. "Pra" poder ser "50", "né"?!

V.R.- É "lá" embaixo.

G.D.- Certo... Ah... Tinhas comentado, também, uma vez de um... de um cidadão, um filho de imigrante. Quer dizer, não deixava de ser imigrante também. Que "era um" Sevegnani, que ele nasceu na Argentina.

V.R.- Na Argentina. Jacinto.

G.D.- Podes contar um pouquinho dessa história?

V.R.- É, ele... Ele, inclusive, era uma "figuraça". Ele era uma "figuraça", porque... Segundo ele contava para nós, ele veio de lá com quatro anos. "Alora,

*ghe disea: 'Giacinto, parle qual còss'. 'Mi son argentin'. Disea, 'né?!' Mi son argentin".*<sup>17</sup> "Aí", todo mundo sabia que ele era argentino. E aí, ele era... Ele era um... Ele era, assim, ele... Astrônomo. Ele sabia aquelas coisas de "Lapata", esse "negócio de Lua". Tu perguntava pra ele: "quando é que é lua cheia em mil novecentos e... Não, em dois mil e oitenta?" Ele fazia: "pa, pa, pa. E te dizia: dia 'tal'!" E, daí, ele também, falavam que ele previa chuva, né?! Pena que o filho dele morreu há pouco tempo. O filho dele também sabia tudo. Tu ia perguntar das famílias do "50". Terreno, qual era o número do lote... Ele sabia tudo! Mário, morreu no ano passado. Era o filho dele.

**G.D.- Uhum.**

**V.R.-** E é o "Giacintón", que "eles" chamavam. "Aí", então, era ele. Tinha uma "porção" de "folclore", porque ele trabalhava de bota. Aquelas botas até "aqui" (**indicando até onde a bota chegava**). Bota militar. "*Alor ghe disea: 'Gavea sirache? Giacinto, gavea sirache la sù, nela Ponga... Na Fúria?' El disea: 'Ghen'è! Che le me beca qui. Che le me beche qui...' Sai? (Risos) 'Che le bel che qui!' Che se a vedea en questi valone.*"<sup>18</sup> E coisas assim. Tem muitas histórias do Jacinto, que... Assim, de... de... Que eram... O pessoal ria, "né"?! Era folclórico, vamos dizer assim. Então...

**G.D.- Mas, "daí" a família dele, eles vieram depois para cá e já tinha alguém da família aqui, será?**

**V.R.-** Eu acho que não. Bom, pode ser que tinha outros Sevegnani, "né?!" (**Sobreposição de falas entre o entrevistador e o entrevistado**) Porque esse Sevegnani "ali" não era da mesma família daqueles "lá da Ponga". Era outra. Quer ver, "tinha lá no 50", eu sei que tinha às vezes três ramos com o mesmo sobrenome. Eram três ramos diferentes. Podiam ser primos lá na Itália e "coisa"... Aqui eles diziam que não tinham parentesco nenhum. Essa geração "aqui", já da terceira, quarta geração.

<sup>17</sup> Em português: "Então, nós dizíamos: 'Jacinto, fala alguma coisa'. E ele dizia: 'eu sou um argentino'. Ele dizia, né?! Eu sou um argentino" (N.T.).

<sup>18</sup> Em português: "Então eles diziam: 'Tem jararaca? Jacinto, tem jararacas lá em cima, na 'Ponga'?... Digo, na 'Fúria'?'. E ele respondia: 'Tem. Tal como tem aqui. Tal como tem'... (Risos) Sabe? 'Que elas também estão aqui. Você pode ver elas nesses valos.' (N.T.)



**G.D.- Deixa eu ver o que mais que tem... Ah, quer comentar um pouquinho da época de escola? Como que era “no Santo Antônio”<sup>19</sup>, em Blumenau, as disciplinas que tinham...**

**V.R.-** Sim. Lá... Lá no “Santo Antônio” era em regime de internato, com bastante disciplina. O sistema interno era disciplinar, com... E eram padres... Todos que vinham, eram todos padres alemães, “assim”. E existia o senso de obedecer. A gente não usava... Ninguém desobedecia o frei. Eles te mandavam “pro”... Você, por exemplo... Quer dizer, ninguém desobedecia, não. “Daqui a pouco” um dava uma “fugidinha”, mas não, assim, de... de... de... afrontar o padre ou alguma coisa [do tipo]. Isso não existia. De jeito nenhum! E eles cuidavam do estudo. Eles tinham controle total. No Dormitório não podia falar. De noite, no dormitório, era silêncio. A gente ia dormir às oito e meia. Ninguém podia falar. No dormitório era silêncio. E funcionava. De vez em quando dava umas coisas lá... “Bobajada lá”. Mas, era tudo assim. E o ensino era muito... Eu achei que... De grande valor. Fazer o “Ginásio”<sup>20</sup>, que eu fiz, eu achei que serviu muito na vida. Porque era... Era de uma qualidade extraordinária. E, “pra” mim, era tudo novidade. Eu era provinciano, “né”?! Então, era uma “febre”. “Aí, eu cheguei... Inclusive, eu cheguei lá. Eu li muito. Gostava de ler, gostava de ler... Eu era curioso! Então, eu lembro que, meu Deus do Céu! Eu devorei livros “lá”. Que eu gostava da leitura e, “pra” mim, era tudo novidade. Descobrir uma coisa... E eu me lembro de uma série de livros que tinha lá, chamado “O Tesouro da Juventude”. Não sei se você já ouviu falar?! Então, “aquilo” fala das coisas assim: qual é o maior canil do mundo, qual é o maior navio, coisas assim... Tudo informações, mas informações que naquele tempo “valiam”. Não... Não era como agora, na internet, que “tá tudo ali”. Você ia “lá”, lia: “ah, aqui, oh... ali tem isso! Tem aquilo!”. E te ensinavam a fazer um rádio. Tinha um “esquema” de rádio lá. Tinha um esquema lá, um esquema simples de rádio, que eu fiz. Eu quis “me meter a fazer”. Só que não consegui fazer ele falar...

---

<sup>19</sup> Nome da escola em que o senhor Valdir Rozza estudou.

<sup>20</sup> Equivalente aos atuais anos finais do Ensino Fundamental (NT).

**(Risos)** Mas depois eu fui em Indaial, com um cara. E o cara me deu uma mãozinha: falou. Existia também o “rádio Galena”. Você já ouviu falar em “rádio Galena”?

**G.D.- Não.**

**V.R.-** Rádio Galena é um rádio que você compra... “É”, você não tem pilha, não tem nada. Você compra uma pedra galena e uma agulha. Compra um fone. Você “pega”, por exemplo... As rádios de Blumenau, você “pegava”. “Aí dava febre!” Todo mundo com rádio Galena de noite na cama. “Botava” uma antena embaixo da cama... **(Risos)** “Coisas assim”.

**G.D.- E o que tinha de matérias, “assim”? (Tempo: 00:38:07)**

**V.R.-** Bem, a gente o que... A gente estudava... A gente estudava **(breve pausa)** latim. O latim era... Era assim: tinha matemática, tinha duas vezes por semana, tinha duas aulas, uma junto com a outra. Latim, duas, uma junto com a outra. Português, duas, uma junto com a outra. Então, vamos dizer, qual era a prioridade lá? Era português, latim e matemática. “Daí” você tinha francês e tinha inglês. E francês era... Os cinco anos que fiquei lá, estudei francês. No último ano, a gente estudou literatura. Literatura francesa. Último ano. Que praticamente, eu, por exemplo, quase não dominava o francês, “assim”. Eu que me interessei, “assim”. Eu li livros em francês. Eu li “Uma História Universal” inteira em francês. Para aprender francês. E...

**G.D.- Lembra de alguma coisa, assim, em francês?**

**V.R.-** Me lembro. **(Risos)** Eu era... Por exemplo, em verbos, não tinha “ninguém que me batia”. Nos verbos... “Ali era”... Mas eu... Eu fui “agora”... Eu fui para a Bélgica. Na Bélgica eles falam francês e alemão. Eu consegui... Assim... Me... Me sair, assim... “Aqui”, agora, por exemplo, quanta gente “perdeu”, “né”?! Mas eu... A gente estudou esses escritores franceses “aí” o ano inteiro. No último ano era, todos esses aí: Voltaire e não sei o que... E... François, René Descartes, Chateaubriand. Essas “coisas tudo”... **(Risos)** Então, nós tínhamos... Eu sabia o hino nacional francês de cor. Não sei mais... Nós cantávamos o hino... Que era obrigatório! Esse você tinha que decorar. Acho que na 3ª série.

**G.D.- Que é a Marseillaise...**

**V.R.-** É. E tinha que decorar. Então a gente sabia.

**G.D.- Não sei como se diz em francês.**

**V.R.-** Ahn?

**G.D.- Não sei como diz em francês.**

**V.R.-** É Marseillaise. “*Marseillaise*”<sup>21</sup>. Que quem escreveu a Marseillaise... Também nós estudamos a biografia do “cara”. Foi um tal de Rouget de Lisl... De Lisle. “Que” ele era um militar, que estava em Estrasburgo. E... E essa música ele fez “pros” soldados do Ruhr, que “tavam” na região do Ruhr. Do Ruhr, não. Do Reno. Do rio Reno. Porque Estrasburgo é perto do Reno. De lá... O Ruhr é outra região. “Aí”, o que que aconteceu? Em Marselha, que é uma cidade no sul da França, começaram a ter movimentos patrióticos. Começaram a cantar na rua a Marseillaise. Daí a Marseillaise se transformou em hino nacional da França. Começaram a cantar nas ruas os... O povo...

**G.D.- Uhum. Hã... Comentasse um pouquinho do futebol, ‘né’?! Chegasse a jogar futebol “aqui”? (Risos).**

**V.R.- (Risos).** Eu joguei futebol. É... Lá no Colégio, inclusive, eu era, assim, jogava sempre. Só que eu não fui muito... Não conseguia “ficar” um grande craque. Mas jogava! Não fui um grande jogador. Não cheguei a ser craque, mesmo. Joguei bastante. Inclusive, eu gostava. Saí do Colégio, não joguei mais.

**G.D.- E chegavas a acompanhar os times que tinha aqui na cidade?**

**V.R.-** Sim, o Torino, joguei aqui. Tem uma foto... O Geraldino... Tem uma foto de uma vez que fizeram a inauguração das camisas e eu joguei. Aqui, o Torino contra o Mariano. Tem a foto. Essa foto, você gostaria?

**G.D.- Sim...**

**V.R.-** O Geraldino tem que me dar de volta essa foto de volta. Eu pedi esses dias pra ele. Mas ele falou que vai me dar.

---

<sup>21</sup> Transcrito desta forma para descrever a entonação do entrevistado quando repetiu a palavra. (N.T.).

**G.D.- Ah, tá... É, quando eu “tive” lá ele tinha algumas lá. Só que eu não sei se era essa. Era a entrega da camisa, aquela uma...**

**V.R.- Exato!**

**G.D.- ... Que veio da Itália?**

**V.R.-** Não, não... Aquela é... Aquela do Torino. Aquela já... Eu não jogava mais naquela época. É uma outra foi... Foi aqui em Rodeio. Aquela do Torino era “fora”. Que o Torino durou muitos anos.

**G.D.- Sim.**

**V.R.-** Eu também joguei no Torino, mas pouco. Porque eu não... Eu não “tava ali”. Então, eu... Eu, “né”?! Se faltava um, “né”?! Eu jogava... Por exemplo, no primeiro time eu jogava se faltava um. Se eu “tava aí”. Porque o time não... Eu “tava” em Blumenau. E não podiam deixar o lugar “pra” mim.

**G.D.- Sim.**

**V.R.-** Então eu jogava no segundo time sempre. Que “ali” segurava sempre. No primeiro time era: “hoje não veio ‘tal’.” “Alora”<sup>22</sup>... “Aí” eu jogava. Mas não é que era eu o... Titular. Não era titular.

**G.D.- E o que mais que tinha de time que tu lembra aqui na cidade?**

**V.R.-** A gente jogava aqui... Jogava tudo... A gente jogava... Tinha o Catarinense, que era do “Rodeio 12”. Que a gente jogava também. Era dos Ostrowski. E tinha o São Roque! Já ouviu falar no São Roque? “Ali” onde era a Hering, agora. Lá em cima tinha o campo do São Roque. Era um time também, desses aqui de Rodeio. E o Torino, “ela” foi fundada no “50”, mas o campo fizeram no “32”. Que ainda hoje, “né”, tem o campo, “né”. O time praticamente... Que o Torino agora tinha aquele campo “aqui” nos Pacher, “aqui”... Ahn! Nos Berri!

**G.D.- É...**

**V.R.-** Sabe? É ali...

**G.D.- Sim, sim...**

**V.R.-** Mas antigamente era “lá fora” no “32”, o campo.

**G.D.- É, que aí... que hoje já é o “50”, “né”.**

---

<sup>22</sup> Em português: “Então”. (N.T.).

**V.R.-** Ali é o “50”. Mas o campo era “lá fora”, em Rio Belo. Lá dentro no Rio Belo, antigamente.

**G.D.- Uhum...**

**V.R.-** Meu Deus, eu tinha foto, que eu fiz de... Do... Do povo. Da... Das, sabe, das moças. Eu batia... Tinha tudo isso. Mas tudo queimou no incêndio. Eu me lembro... Tem um... Ahn... Eu guardava todos os meus livros, “né”?! Meus livros... E quando queimou a loja, “foi embora”. O que eu mais senti foi ter perdido todos os livros e os meus cadernos do “Santo Antônio”. Que a gente na... Na... No “Primeiro Científico”<sup>23</sup>, a gente estudou química, estudou física, espanhol... O espanhol.

**G.D.- Científico seria “tipo” o ensino médio?**

**V.R.-** Eu acho que sim. Era depois do Ginásio. Quatro... Três anos, “né”?! Que existia o “Científico” e existia o “Clássico”. O Clássico era mais “pra” quem queria ser professor. E o Científico era mais para quem queria ser médico, por causa da química. Por causa da química e da física... E a matemática, que... Que... A gente... Eu, mais tarde, “né”?! Eu vi, assim... Cheguei até a me arrepender de ter parado. Porque, sabe, eu “tava num”... Eu comecei no primeiro ano, então eu tinha levantado voo, sabe?! Eu ia até o fim. É... Cada, passava todos os anos. E, eu acho que eu ia também, se eu fosse fazer vestibular... Porque, olha, pessoal do “Santo Antônio”, no meu tempo, eles iam fazer vestibular em Curitiba. Curitiba. Pelotas, lá na Rural, em Pelotas. E numa outra Rural lá em Itaguaí, no Rio de Janeiro. E numa escola de Minas de Ouro Preto. Teve um rapaz até, que foi meu colega de Ginásio, se formou lá. Engenheiro. Os caras saíam de lá que, dizem que eram fabulosos. E ele era do Walter... Você já ouviu falar na loja Walter Schmidt, em Blumenau? Não, “né”? Já acabou há tempo. Eles trabalhavam com material pesado elétrico. E ele era um Neberlunge. E o Neberlunge era da família deles, do Walter Schmidt. Ele se formou comigo... É... No Ginásio comigo. Depois, ele se

---

<sup>23</sup> Primeiro ano dos Estudos Científicos, equivalente ao Ensino Médio da grade escolar atual. (N.T.).

formou engenheiro “lá”. O “cara” chegou aqui. Ele, sabe, tinha conhecimento. Ele era considerado, “né”?!

**G.D.- E, voltando um pouquinho sobre a alfaiataria, chegasse a pegar alguma coisa do seu pai trabalhando com isso? (Tempo: 00:47:00)**

**V.R.-** Sim. Eu sempre vi o meu pai trabalhando... Uma característica do meu pai... O meu pai era muito vaidoso. Lá no “50” eles trabalhavam de gravata. Já “visse” uma foto? Eu tenho aqui! **(O entrevistado mostra a foto para o entrevistador)**

**G.D.-** Eu acho que já vi...

**V.R.-** Tu “visse” a foto? **(Não é possível compreender as palavras ditas pelo entrevistador e pelo entrevistado)**

**G.D.-** Daí eles faziam roupas masculinas, assim?

**V.R.-** Masculinas! Terno. E minha mãe fazia vestido feminino. Minha mãe trabalhou muito de costureira.

**G.D.-** E vendia tudo lá? Era sob medida, assim?

**V.R.-** Era sob medida, mas não... Não vendia. O pessoal trazia, fazia “aí”... Fazia a roupa e cobrava o feitio. O “cara” trazia o corte. O pai fazia o terno. E cobrava o valor da mão de obra do terno. E hoje também, eles vendias o corte... Sabe? Um ou outro dão...

**G.D.-** Ele tirava [as medidas] e eles traziam...

**V.R.-** “É”... A “turma” trazia. **(Não é possível compreender o que é dito pelo entrevistado nesta parte)** O meu pai chegava lá: “Mi fammi un terno”<sup>24</sup>. “Te hai il terno per vedere?”<sup>25</sup> Meu pai tinha dez, doze cortes lá “pra” vender. E tinha os oficiais, tinha os... Interessante, eu fiz... Eu fiz é... Cinco anos... É... Cinco semestres... Cinco, não. Quatro semestres, quase cinco semestres de Economia na faculdade. Ali se trabalhava... Na Sociologia. “Daí” se falou, na área do trabalho, como é que funcionava e tal... Sistema feudal, “tal”, “tal”, “tal”... “Daí”, chegou uma hora que se falou que... “Oficial”... É... “Aprendiz de oficial”, “né”?! E depois vem embora como formado, como se diria, “né”?!

<sup>24</sup> Em português: “Me faz um terno.” (NT).

<sup>25</sup> Em português: “Você tem um terno para eu ver?” (NT).

Meu Deus! E eu estudando lá... O meu pai fazia exatamente isso! O meu pai fazia exatamente... O aprendiz vinha “lá” em casa. E eles ficavam subordinados. O “cara” pedia pro meu pai, pra ir pro baile. Não pedia pro pai dele. Sabe? Quem mandava nele era o meu pai. No aprendiz. E no oficial também. Só que o oficial... Ele... Pro aprendiz eles não davam nada. Não pagavam nenhum “tostão”. Agora “pro” oficial, o oficial “já” recebia.

**G.D.- O seu pai chegou a... O seu pai aprendeu com quem o ofício?**

**V.R.-** O meu pai aprendeu com o João Tomelin, que era o tio dele, no “Rodeio 50”. E o João Tomelin tinha trabalhado uns... Que aprendeu em Florianópolis. “Aí” ele veio “aqui” com fama, porque o meu pai “disse” que ele tinha ficado cinco anos em Florianópolis.

**G.D. E chegasse a aprender?**

**V.R.-** Não, eu não. Eu ajudava a minha mãe. Fazia diversas coisas. É... Coisas elementares. Por exemplo, tinha um “chuveiro”, que hoje em dia eles fazem com a máquina... Faziam a mão. E era demorado fazer um vestido todo... Fazer o acabamento. Isso eu fazia “pra” minha mãe. Mas não coisa... Ah, e eu forrava botão. Ah... É... Que antigamente se forrava botões. E a minha mãe tinha uma máquina “pra” forrar botão. E ela me ensinou. E eu era menino. Só que eu tinha fama... É... A minha mãe tinha fama, não... Eu só... Eu tinha... Tinha o “toque”. Eu sabia certinho, porque você não podia apertar nem demais, nem de menos. Se você apertava menos, ele saía... soltava atrás. Se você apertava demais, ele cortava o tecido. Que eles forravam com tecido. Eu tinha um toque... Se a minha mãe dizia... É... Te... Ela mandava: “*Ti te gai la màn giusta!*”<sup>26</sup> Daí tínhamos as matrizes, né?! A gente tinha as matrizes. Inclusive, eu tenho uma recordação de uma matriz, “lá”. **(Mostrando a matriz para o entrevistador)** Essa aqui é uma matriz de forrar botão. “Tá” vendo aqui? Olha aqui. Isso aqui... Isso aqui dava... O botão ficava “bicudo”. Aí, disso aqui, tinha outra que ficava côncava. E tinha uma outra que ficava mais assim... É... Elíptico. Aí, esse aqui, você trocava. Daí você pega, “bota” a fazenda aqui. “Bota” a fazenda aqui. Pega o botãozinho, que era de alumínio

---

<sup>26</sup> Em português: “Você tem a mão certa para isso” (N.T.).

na época. Hoje em dia, é de plástico. **[Barulho de “clac”, demonstrando o serviço]** A gente pegava, “botava” esse aqui. Aí, a fazenda fi... Ficava... Aí, esse aqui, você colocava, daí, uma tampa aqui. Que era a tampa traseira. Você colocava aqui. Isso aqui, colocava aqui. Aí você colocava o Plasmac e fazia o toque, a puxada. Ali que era o segredo de não estragar o botão. Que a minha mãe dizia, que ela tinha confiança em mim. E eu fazia tudo certinho, bonitinho, como ela queria. **[Risos]** Eu sei que ela dizia: “*Que me fa i botoni!*”<sup>27</sup> Que a minha mãe dizia “pro” pessoal, né?! E eu tinha, acho que, oito anos. Ela dizia que eu tinha o jeito certinho “pra” forrar o botão. Já o meu pai, eu nunca ajudei em nada, na alfaiataria. Mas, a minha mãe, sim. E a minha mãe... A minha mãe fazia um negócio que chamavam de “pincê”. E aí eu ajudava a fazer “pincê”.

**G.D.- Isso tudo funcionava junto na casa de vocês?**

**V.R.-** Era lá na casa. Minha mãe numa sala e meu pai na outra. O meu pai, alfaiate. Minha mãe, costureira. Minha mãe fazia vestido de noiva, sabe? Vestia... Ela vestia a noiva toda. Ela fazia o vestido, o buquê, a grinalda. Tudo... Fazia... E ganhava um dinheirinho. Foi aí, eles fizeram... Acumularam um pouquinho de dinheiro, assim... Disseram que ganhavam muito pouco, sabe?! Não era uma coisa... Não rendia. Hoje em dia eles fazem terno em um dia. O meu pai demorava oito dias. Porque o meu pai era extremamente caprichoso. Caprichoso! No trabalho dele, assim...

**G.D.- E era tudo manual, assim?**

**V.R.-** Tudo manual. Com aquelas máquinas de costura “de pé”. “Tchuque, tchuque, tchuque”. **[Imitando o som da máquina].**

**G.D.- Sim.**

**V.R.-** Aquelas que tinha lá... Aquelas Singer que tem lá...

**G.D.- Sim, sim...**

**V.R.-** Daquelas...

**G.D.- Certo. Acho que era mais ou menos isso... Essa parte comercial, né?! Aí, agora, uma parte mais, assim da “cultural”, digamos assim. É... Que te**

---

<sup>27</sup> Em português: “Que ele me faz os botões!” (N.T.).



**lembras, assim, do Centenário da Imigração Italiana, que foi comemorado em 75?<sup>28</sup> Como é que foi esse processo? (Tempo: 00:53:41).**

**V.R.-** Pois é... Eu, assim, por cima eu... É... Não saberia te ex... Que, é... Fizeram... Formaram uma comissão. E eu não... É... Era lá... Não quis... Como “tava” lá... Lá no “50”, não quis participar. Porque tinham “aqui” ... Essas reuniões. E, “igual”, eu... Tinham me convidado... Aí, eu não quis. Aí eu não participei. Mas tinham uma comissão. Não sei se você já ouviu falar, que tinha uma comissão?

**G.D.- “Uhum”...**

**V.R.-** E organizaram. E, nós daquela parte, então, o que que nós fizemos? Nós, literalmente... Tinha um tal de Paulinho. Já ouviu falar no Paulinho? Paulinho de Souza.

**G.D.- “Uhum”...**

**V.R.-** Foi professor aqui. Ele era professor... E esse, ah... Esse “cara” foi um... Eu sempre digo, aqui em Rodeio, deviam erguer um monumento “pra” ele. Ele ficou uns anos, bons anos aqui. **(Tempo: 00:55:00)** Depois ele saiu, foi “pra” Blumenau. E, inclusive em Blumenau, ele não tinha tino comercial, porque... Eles foram lá, criaram, abriram um cursinho. Eles eram capazes... Ele era uma pessoa muito capaz, como professor. E a esposa dele também. Abriram o cursinho, não conseguiram administrar o cursinho. O cursinho... Ele repassou... Então, aqui em Rodeio, eu achei que ele fez muito por Rodeio, assim. Trabalhou e “tal”... Então, nós, politicamente, fizemos aquela comissão, que eu te digo. Que... E fomos “para o” governador, pedir, reivindicar coisas “pra” Rodeio. Então, reivindicamos o pavilhão, o telefone e a CASAN<sup>29</sup>. Mas nós reivindicamos outra coisa... Essas coisas, nós conseguimos. Outras coisa, não lembro... E o governador prestigiou muito. Sabe? O Reis<sup>30</sup>, aquela vez, prestigiou muito, quando ele veio “aí”. E, naquela Comissão que foi para a Itália, eu não era convidado. Eu me ofereci. Daí eles

---

<sup>28</sup> 1975. (N.T.).

<sup>29</sup> Companhia Catarinense de Águas e Saneamento (N.T.).

<sup>30</sup> Parte do sobrenome do governador Antônio Carlos Konder Reis, que governou Santa Catarina entre 1975 e 1979.

consultaram a Itália, se eles me aceitavam. “Daí”, que era uma coisa oficial, eles... Eles... Ele... A gente viajou “pra” Europa com um passaporte diplomático, azul. Diplomático! Que era uma missão oficial. “Aí” eu, que entrei, quando a gente foi lá ... Me ofereci. E também, daí, o Estácio gostou: “Não, vem, ‘tal’ ... Vamos fazer”. Foi... Chegando em Florianópolis, o Antônio [Carlos Konder Reis] tinha os passaportes. “Daí” ele pegou o do... Que tem que vir do Rio de Janeiro. Daí o Antônio... O Konder Reis, me lembro, ele “pegou”, se interessou... Ele mandou vir o passaporte “pra” mim. Ele usou as...

**G.D.- As credenciais. [Risos]**

**V.R.- [Risos]** As credenciais dele, “lá” ... As prerrogativas que ele tinha... E veio logo o passaporte. “Pra” mim. Também o passaporte diplomático. “Daí”, lá tinha o programa, aquele programa de lei, “né”?! Que você tem a cobrança.

**G.D.- Sim.**

**V.R.-** E tínhamos que obedecer “à risca”. Eles queriam, fizeram questão [Breve pausa] que a gente obedecesse. E eu participei, fiquei envolvido com eles. Fazia parte. Fui incluído na Comissão. Fui aceito lá. Lá também. Já... Já “tava” na relação.

**G.D.- E essa foi a primeira vez que o pessoal daqui foi “pra” lá? (Tempo:**

**V.R.-** Foi a primeira vez, “é”.

**G.D.- Oficialmente, assim, “né” ... Não que foi para passear, “né” ...**

**V.R.-** Foi a primeira vez que alguém ia para a Itália. Depois, foi a dona Iracema (Moser Cani). Ninguém tinha ido. Ninguém... Ninguém tinha ido... [O entrevistado pigarreou neste momento] “Daí”, foi que depois abriu. “Aí” começou a... Foi... Depois foi a dona Iracema. Desenvolveu aquele negócio da... [O entrevistado pigarreou neste momento] do... “Circolo” ... Circolo Trentino. Que eu achei que foi uma... A dona Iracema, ela teve uma... Nessa parte, uma visão! Porque “olha”, o Circolo Trentino fez coisas no lado cultural para Rodeio. Mexeu com tudo quanto era coisa. Fizeram a Vinícola, “né”?! O queijo... O queijo não deu certo, mas a Vinícola deu certo. Foi um... Um incentivo da... Da Itália. Eles deram dinheiro. Veio o dinheiro com... Mas

eles... Eles tinham uma política. Você, por exemplo... Te davam, mas depois tu tinhas que devolver. Eles aplicavam em outro lugar. “Né?!”

**G.D.- Uhum.**

**V.R.-** Mas foi... “Tu vê!” Agora, hoje, eles estão com uns vinhos... Vinhos bons, assim. Acho que eles vão, agora... Tu vai ver só o dinheiro que eles vão ganhar! Que eles vendiam vinho a vinte reais, trinta... Agora eles melhoraram a qualidade. Cento e cinquenta “pila”. E ainda tem procura. Que eles... Eles abrem mil garrafas... E eles abrem... A venda de mil garrafas, eles precisariam ter duas mil. E coisa de “centocinquanta conti a la garrafa.”<sup>31</sup> Então, eu acho que eles vão “fazer dinheiro”. Eles estavam “meio assim”, porque com o vinho barato não dava, sabe?! Vinho de doze reais, quinze... Diziam que nem... Que bem tinham condições de sobreviver. “Daí”, então era, assim, um... Vinho... O... Como é que vamos dizer, assim?!... Aquele que vinha fazer as vistorias, “né”?!... Nem era... Não digo “fiscal”. Que era uma palavra muito pesada, chamar de fiscal, eu acho. E um tal dia ele vinha... E, ele tinha... E, então, ele vinha... Ele vinha “ali” ... E vinha sempre conversar comigo. Escutava os pareceres, para saber como é que eles estão: “Que que tu acha? E ‘tal’...”, “Estão indo?”, “Dá?”, “Si!”<sup>32</sup> Por causa que eles não mandavam o dinheiro. “Daí”, cada vez que ele vinha, era para liberar uma parte. Então, eu era, assim, o “olheiro” aqui. E “aí”, eu sempre incentivei eles. Sempre fui... Era sempre a favor. Assim, que sempre dizia que dava certo. O que tinha que fazer e “tal” ... E, eu fui, depois de tudo... Eu fui “pra” Itália. Eu fui recebido lá, no Instituto San Michele<sup>33</sup>. Me trataram excelentemente bem! Fui duas vezes ao Instituto San Michele, assim, passear. E “aí”, então, ficou isso ali. Daí, incentivaram o queijo. Mas o queijo... Naquele... Naquele eu não participei. Não sei se deram dinheiro “pra” eles ou não. **[Som de celular tocando]**.

**G.D.- Queijo do Eccel?**

---

<sup>31</sup> Em português: “Centro e cinquenta conto por garrafa” (N.T.)

<sup>32</sup> Em português: “Sim!” (N.T.).

<sup>33</sup> O Instituto San Michele all’Adige fica localizado na cidade de Trento, na Itália, se constituindo de um castelo onde estudos sobre métodos e técnicas para criação e conservação de vinhos são desenvolvidos.

**V.R.-** É, aquele do queijo... Quando foi aquele queijo do... Não aquele “ali”. Aquele “lá de cima”, do... Do... Eccel. Aquele foi “tudo” orientado por eles, mas eu não sei se deram... Eu “tô” desconfiado que também injetaram dinheiro “ali”. Mas “esse” eu não “tô” a par. Isso eu não sei. Que eu não era... Não fazia parte desse negócio. Não vinham conversar comigo.

**G.D.-** E, assim, do Centenário em si, em “75”<sup>34</sup>...

**V.R.-** Puxa vida, eu “tô” pensando...

**G.D.** Lembra o que que teve, assim, de programação? Fizeram o monumento, “né”?!

**V.R.-** Fizeram o monumento.

**G.D.-** Desfile?

**V.R.-** Fizeram desfiles... Meu Deus do céu! Desfiles extraordinários. E depois teve a Sagra, “né”?! Assim, os festejos... Tinha muita gente. Vieram missões da Itália. Uns “caras” bons. Um pessoal bom que veio da Itália. Daí se criaram esses conjuntos. Esses... Todos esses... Esses... Conjuntos. Não diria conjunto. Esses... Esses grupos de canto “aí.” Isso aí foi criado na época. E era, pois... Olha, culturalmente eu achei que... E vinha um senhor, um tal de Fronza, também. Ele vinha sempre ler. Então, eu lembrava... Como eu te falei, eu lia... Eu lia... Eu gostava muito de livro de aventura das Colônias Inglesas na África. Então, lá na África, vinha o representante do governo inspecionar. Então ele vinha com a pasta, boné de militar. “*Alora, vardea tut quel che ghera. Comè che stea, come la va.*”<sup>35</sup> Como é que, os ingleses estão sendo bem tratados aqui? Vocês estão tratando bem os... Sei lá... Os angolanos... Não, os angolanos, não, mas sei lá... Os das colônias inglesas lá na África do Sul, “o diabo que carrega”. Daí, então, quando vinha esse Fronza, ele vinha com a pasta... “*Fea la riunione. El vegnia sempre mentre il libri*”<sup>36</sup>, que dizia: “*Varda lí, el fiscal del governo!*”<sup>37</sup> [Risos] Ele vinha lá, fazia todas, sabe? Todas... A gente sentia, ele tinha as perguntas, todas... É, que ele ia prestar conta “lá”. Ele tinha

---

<sup>34</sup> Em 1975.

<sup>35</sup> Em português: “Então, ele via como estavam as coisas que tinham. Como é que estava, como vão.... (N.T.)

<sup>36</sup> Em português: “Fazíamos a reunião. Ele vinha sempre como nos livros”. (N.T.).

<sup>37</sup> Em português: “Olha ali o fiscal do governo!” (N.T.).

que ver como é que “tá” e depois prestava conta: “*Come é que sté?*”<sup>38</sup> Eu me lembrava sempre daqueles livros que eu li, quando eu via ele lá sentado. “*Con la malota quá.... Cheio de pergunte. Pesquisava come que era a...*”<sup>39</sup> Aqui a... Nossa... Nossa... Fração, né?! E ele, na Inglaterra, ia ver como estava a colônia. Fiscalizar a colônia. Dizia: “*Come se fussa coliniali de lori. Parea*”<sup>40</sup> Não era assim. Ele era uma pessoa muito boa. Ele vinha aqui para ajudar a gente. Vieram aqui para ajudar! Colaborar, para sentir os nossos anseios. Tudo. Eu acho que foi muito bacana. Um período muito bom. Aquilo ali... Mas eu, para mim... Tem em todos os festejos, preparar a cidade, enfeitar a cidade. Mas em “75”, que foi o, eu “tava” participando. Mesmo que eu não fazia parte da Comissão, mas eu participei de todos os festejos, dos desfiles, as festas que teve o baile, churrasco... **[Som de aves ao fundo]** Teve tudo... Eu não sei quem que podia... Podia... Assim, te informar...

**G.D.- Eu acho que o seu Erico era na época, “né”?!**

**V.R.-** É... Então tu fala com ele. Ele era entusiasmado.

**G.D.- Pretendo falar...**

**V.R.-** Vai lá...

**G.D.- Estou vendo com um filho dele para ir lá.**

**V.R.-** Não, tu vai ali, ele “tá” sempre em casa. Não precisa ir com o filho.

**G.D.- Só pra perguntar, assim, sabe?**

**V.R.-** Ah, queria que o filho dele estivesse junto?

**G.D.- Não, só pra pedir assim, “né”?! Porque, para marcar mesmo... Que não é sempre que eu posso, “né”?!**

**V.R.-** Eu... Eu... Vou contigo. Tu queres?

**G.D.- Não, não precisa, assim... Só, mesmo, eu precisava falar com algum filho pra marcar. Tem aqueles às vezes que não gostam, sabe?**

**V.R.-** Mas não. Ele é entusiasmado!

**G.D.- É, ele sim, mas as vezes a família...**

<sup>38</sup> Em português: “Como é que estão?” (N.T.).

<sup>39</sup> Em português: “Com a mala aqui... Cheio de pergunta. Pesquisava como que era a...” (N.T.).

<sup>40</sup> Em português: “Como que fôssemos os colonos deles. Parecia”. (N.T.).

**V.R.-** Os filhos também. Vamos marcar. Tem o Marcelo. Eu queria que tu conhecesse. Dos dele, é o que eu mais gosto. Conhece o Marcelo? Que é o filho...

**G.D.-** Acho que tenho ele no “Face”.<sup>41</sup>

**V.R.-** É, ele tá... Mas, olha, esse “cara” é bacana, assim... Ele é diferente dos outros. Que eles são meio, assim... Eu acho que eles são meio orgulhosos, assim, “né”?! Mas esse Marcelo não é assim. E tem muito conhecimento.

**G.D.-** Uhum...

**V.R.-** E tem muita foto também, pelo que eu sei.

**G.D.-** É, a gente vai precisar...

**V.R.-** Então, vai “ali”. Tu podes ir “ali” na hora que tu quiser. Não precisa ter medo. Pode ir lá, que ele te atende. A esposa também... Não tem. Não precisa ter medo. Mas se tu quiser alguma... Um “gancho” ali, eu vou junto. Mas não precisa. Tu pode ir lá na hora que tu quiser. Na hora que tu quiser! Que vai ser uma festa para eles. Ele vai ficar contentíssimo! Ele pode te passar muita coisa.

**G.D.-** É... Deixa eu ver. Tem alguma coisa, assim, que te marcou nessa viagem à Itália, assim, dos lugares, assim, que... Das cidades de onde os imigrantes vieram “pra” cá? Em Roncegno, assim, a própria geografia do lugar.

**V.R.-** Sim. É... Roncegno tem um... Assim... Tem muito a ver com... Com... Lá... Montanha pra cá, montanha pra lá, estrada... Como aqui. E o pessoal trabalhando, assim, nos morros. Tem muito Rozza, que eu vi. Tem Frainer. Eu fui três, quatro vezes lá. Eu fui ao cemitério. Cemitério, “*de pú de cinquanta percento di Rozza morti*”<sup>42</sup>. No cemitério. E também a gente viu, que eles têm interesse em conversar com a gente, em saber, perguntar. Se a gente soubesse... Que eles não... Não... Não... Não têm informação de nada. A gente não “tava”... Não tinha nada... Então... “*Mi son nà via de pú de sete, oto volte. Allora mi voglea sempre saver se ghera ‘na carta... Se qualchedun ghera ‘na carta de*

<sup>41</sup> Abreviação para a rede social Facebook.

<sup>42</sup> Em português: “Mais do que cinquenta por cento de Rozza mortos”. (N.T.).

*quá... Sarà che non ghè nessun che ghè 'na de Rodeo? Non ghè nessun? Non ghè nessun? Tra nient! Mi só che una la ghera, che l'è quella del Stolf. Ancora vista?"*<sup>43</sup>

**G.D.- Sì.**<sup>44</sup> **Até usei...**

**V.R.-** *Te gai li?*<sup>45</sup>

**G.D.- Fortunato, né?**

**V.R.-** *Aham. "Quela la vist anche mi. Le altri... No la vist nessuno.. Nessuni la vist. Perché ghè i archivi la, véci. Ma nessuno... Gò domandà per tantissima zént!"*<sup>46</sup> E eles, na verdade, pelo que se vê, têm as partes velhas... Ah... Que antigamente, eles viviam... "Tavam" na penúria. Assim, onde eles moravam. Eu visitei a casa da Madre Paulina. Como ela era quando ela estava lá. Que hoje eles reformaram. Agora, tu vai lá... Eu fui lá, é tudo bonito, como é Nova Trento. "Te sai?"<sup>47</sup> A casa... Pra cá não tem nem... Nem aspecto de como era. Nessa época era tudo com "stanghe"<sup>48</sup>, gente via que era uma casa de pobre.

**G.D.- Em Vigolo Vattaro isso, né?**

**V.R.-** Sim. A gente não... Duas... Uma rua assim, que você sobe, a casa da Madre Paulina é aqui... Daí você vê todo aquele... Aquele... Aquelas antigas casas. Que estão lá ocupadas, provavelmente tombadas. Que eu achei que ainda tinha gente morando. E pobres. Sabe? Ainda pobres, eu achei. Não cheguei a ver profundamente, porque lá o nível deles é bom. Noventa e nove por cento... Não, noventa e nove, não. Se tem alguns pobres, vamos dizer... Noventa e oito por cento. Aí a gente viu, assim, eles vinham olhar a gente, sabe? "Vegnìa fora, vardar...isso anca quà."<sup>49</sup> É... "Mi ho trovà... Gò dit un dì: Vardamo lì, per mi quel li non è nado avanti ancora como quella volta."<sup>50</sup> Fica, assim,

---

<sup>43</sup> Em português: Eu fui mais de sete, oito vezes (para lá). Então eu queria sempre saber se tinha uma carta, se alguém tinha mandado uma carta daqui. Será que não tinha ninguém com uma carta de Rodeio? Não tem ninguém? Não tem ninguém? Não achei nada! Eu sei que tinha uma, aquela dos Stolf. Já visse? (N.T.)

<sup>44</sup> Em português: "Sim." (N.T.)

<sup>45</sup> Em português: "Você tem aqui?" (N.T.)

<sup>46</sup> Em português: "Aquele eu também vi. As outras... Não tem nenhuma... Ninguém as encontrava. Existem arquivos lá, antigos. Mas ninguém achou... E eu pedi para tantas pessoas!" (N.T.)

<sup>47</sup> Em português: "Você sabe?" (N.T.)

<sup>48</sup> Talvez se refira a técnica construtiva conhecida como "estruque".

<sup>49</sup> Em português: "Vêm para fora, ver o que eles fazem aqui." (N.T.)

<sup>50</sup> Em português: "Vinham pra fora olhar, isso aqui também. Então um dia peguei e disse: olhem, pra mim eles aqui (os italianos) não estão tão bem como da última vez."

um nível baixo, eu achei. **[Sons de pássaros ao fundo]** Não sei... Que a gente não entrou nessas casas lá. A gente só “passou”.

**G.D.- E o dialeto, ele parecia...**

**V.R.-** O dialeto muda bastante, eu achei. A gente falava lá, meu Deus do céu! “Quelo lì, de ‘Polenta e Cráuti’<sup>51</sup>, te la gai? No te lo mai passada, no?”<sup>52</sup>

**G.D.- “No”.** <sup>53</sup>

**V.R.-** “Questo qui he mandato qua per far n’a comparazion com el nostro dialeto.”<sup>54</sup> **[Apresentando um documento, provavelmente um livro ou uma cartilha]** “Tá”, mas será que tu não tem isso daqui? Não acredito. **[Som de toque de um celular]**

**G.D.-** Que eu sei que eu converso um pouco com um pessoal de Fornace agora, né?! Parece que hoje lá “tá bem... Diminuiu bastante essa questão do dialeto.

**V.R.-** *I a dit che non parla pu? Si, si...*<sup>55</sup>

**G.D.-** Isso. Praticamente se fala mais aqui do que lá. É quase como o Pomerano na Alemanha, “né”?!

**V.R.-** Uhum.

**G.D.-** É só os mais... Mais de idade, assim, que ainda falam o dialeto. E ainda misturam com o italiano, sabe?! Assim como nós misturamos com o português.

**V.R.-** “Ma mi gò vist che i parli come noi, ‘n tant!”<sup>56</sup> Meu Deus do céu, quero ver se eu encontro... Para passar “pra” ti. **[Som de respiração]** “Adès non só n’do che l’è.”<sup>57</sup> **[Som de aves ao fundo]**

**G.D. E, assim, da... Da época da Guerra**<sup>58</sup>? (Tempo: 01:13:35)

<sup>51</sup> Não consegui identificar a palavra.

<sup>52</sup> Em português: “Aquele da Polenta e Chucrute, você não tem? Não te deram, não?” (N.T.)

<sup>53</sup> Em português: “Não.” (N.T.).

<sup>54</sup> Em português: “Esse aqui eles mandaram para cá para fazermos comparações com o nosso dialeto.” (N.T.)

<sup>55</sup> Em português: “Eles falaram que não falam mais? Sim, sim.” (N.T.)

<sup>56</sup> Em português: “Eu ouvi dizer que eles falam como nós, bastante!” (N.T.).

<sup>57</sup> Em português: “Eu tenho aqui, mas não sei onde está.” (N.T.).

<sup>58</sup> Neste momento, o entrevistador, Gabriel Dalmolin, está se referindo à Segunda Guerra Mundial, que ocorreu entre 1939 e 1945. (N.T.).



**V.R.-** Da época da Guerra, eu tinha... Tinha um senhor que... Que atendia. Ele foi soldado. Soldado da... Contra os Aliados<sup>59</sup>. Ele era... Mussolini<sup>60</sup>. E ele era chefe de uma bateria. *“Alora... La ga dit che la so bateria la abatù quatordeze avioni. E alora, cada volta, uni metea una fita entorno del cagnón. Che i ghera un avión che i ghe disea che vegnia tuti i dí a Trento. I ghe disea el “Pipo”. Non so se te sentù dir? ‘El Pipo’, i ghe disea. Vegnia tuti i dì. Quer dizer zà medesma. Tuti i dì vegnia bombardear un poch. Tuti i dì. E lori erano su de la montagna. Alora, i ga dit che lori se al finale ghe fat quela proeza lì. La abatù zo quatordeze la dit. E dopo, una de la storia che ho saveder è... I braziliani, ma quel non te poi contarla, non. Perché l’è contra. El ‘cara’ i ga dit che i braziliani, gavea la Forza Aerea. Che era lì dentro a Pisa...”*<sup>61</sup> E, saía de Pisa, e vinha “ali”. Que a Força Brasileira, ela foi... Não foi treinada. Eles foram “pra” lá, não “tavam” treinados. Eles receberam os aviões americanos... Então, eles não “tavam”... Não tinham feito... Sabe? Treinar, “né”?! Daí, ele me... *“Un día el menà: ‘Varda qui: la de Trento, che viene so... Ci qua so... Qua.. Per dopo, che vene al veron. Te meno la. Ghè’na ponte... Ghè ‘na ponte’... Ah... E che il Braziliani la via... Ghenera... el... Sai che è come qua: montagna qua, montagna la. Alora, el ga dit: ‘Varda, te vedi la via? Quel... Quel bianco? Quel la? Li atireva da qui e le bombe bateva la su. No le era boni de trovare so el ponto, no. Vegnia i americani. Era solo una volta.’ Sai? I Braziliani, no... Potevi.”*<sup>62</sup> Porque a FAB<sup>63</sup>, a Força Aérea é... É treinamento, “né”?! E a FAB não

<sup>59</sup> Coalisão de países que lutaram na Segunda Guerra Mundial, com destaque para os Estados Unidos, a França, a Inglaterra e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (também contando com o apoio do Brasil, que entrou na Guerra em 1944), responsáveis por combater a coalisão dos países do Eixo, formada pela Alemanha, pela Itália e pelo Japão, com maior destaque. (N.T.).

<sup>60</sup> Líder da Itália durante o período da Segunda Guerra Mundial, responsável por impor um regime fascista no país, que se estendeu até 1945, ano de sua morte e derrota na Segunda Guerra Mundial.

<sup>61</sup> Tradução: “Então ele dizia que o seu agrupamento abateu 14 aviões. E então, cada vez colocavam uma fita entorno do canhão. E tinha um avião que eles diziam que vinha todos os dias pra Trento. Eles chamavam de ‘O Pipo’. Já ouviu dizer? ‘O Pipo’, eles diziam. Vinha todo o dia. Quer dizer novamente. Todos os dias vinha bombardear um pouco. Todos os dias. E eles estavam em cima da montanha. Então, ele disse que ao final eles fizeram essa proeza ali. Abateram 14 aviões. E depois, uma das histórias que fiquei sabendo é que os brasileiros, mas essa não posso contar porque é do ‘contra’. O cara disse que os brasileiros tinham a Força Aérea, che ficava ali em Pisa. (N.T.).

<sup>62</sup> Em português: “Um dia, ele disse: ‘Olha aqui: A de Trento, que vem... Para cá... Aqui... Depois, de onde vem da cidade de Veron. Vou te mostrar lá. Aqui é um ponto... Um ponto’... Ah... E que os brasileiros vinham de lá... Tinham... Eles... Sabe, que nem aqui: montanha aqui, montanha lá. Então, ele disse: ‘Olha, consegue ver ali? Aquele... Aquele ponto branco? Aquela rachadura lá? Eles miravam e atiravam aqui e as bombas batiam lá em cima. Eles não eram bons de acertar na mira, não. Vinham os americanos. Era só uma vez.’ Sabe? Os brasileiros, não... Conseguiam.” (N.T.).

<sup>63</sup> Força Aérea Brasileira. (N.T.).

teve treinamento. Quase nada. Então, as proezas da FAB não foram... Eles devem ter feito alguma coisa. Mas eu acredito, mesmo, do que eu sei... Não, da FAB, não... Não foi, assim, um sucesso. Por que não tinham... Não tinham feito... Tinha ido... Uma parte foi para os Estados Unidos, treinar antes de ir para a Itália. Mas, poucos. Poucos foram.

**G.D.- [Risos] Quais eram os efeitos da... Da Guerra aqui?**

**V.R.-** Em Rodeio?

**G.D.-** É.

**V.R.-** Bom, eram muito pequenos. Só que, como eu te disse, escassez... Escassez de muita coisa. Escassez. Não havia combustível. Eu me lembro, uma vez em que eu estava ali, na... Na entrada da... Da “Ponga. Que não era “ali” onde é agora. Era um pouco “pra cá”. Daí, chegou um caminhão, descarregou duas latas de gasolina, para a Sociedade “lá”. Que era a “Sociedade Cooperativa”. *“La metù li en terra. Due late. Dopo i ha torle. Disdoto, venti...Praticamente quaranta litri de gasolina en quidize di. Non so quanti che lo ghenera. Sentù dir lo che era el gasozene? El gasozene l’era fat com la legna. Fea en gas, la legna, carbón, e produzea um gas. El gas fea nar i camignoni. Sol che non gavea tanta froza, no. Mi recordo che era picol, vegnia quei de la Souza Cruz, com il gasozene. E allora se ferma lì a la descida per vender i cigarri. Quel era el posto ‘ndó sempre se ferma. Fea ‘na limpeza: toche a netarlo, trocarghe el carbón, netarlo dove passea el gas, mi credo. Per s’embughea. E lo fea lì, sempre lì. Mi recordo, che l’era sempre lì per netar lo gasozene.”*<sup>64</sup> O gasogênio, você nunca ouviu falar? Do gasogênio, que “tocava” os carros? Em Benedito [Novo] tem um automóvel, ainda a gasogênio.

---

<sup>64</sup> Em português: “Colocavam no chão. Duas latas. Depois eles iam pegar. Dezoito, vinte... Praticamente quarenta litros de gasolina em quinze dias. Não sei quanto, porque tinha... Tinha o ‘gasogênio’. O Gasogênio funcionava com lenha. Fazia um gás, com a lenha. Carvão... E produzia um gás. O gás fazia os caminhões andar. Só que não tinha muita força, não. Me recordo que quando era pequeno, vinha o caminhão da Cruz e Souza, que era movido a gasogênio. E, então, parava. O vendedor descia do caminhão para vender os cigarros. Ele sempre parava naquele mesmo local. E fazia uma limpeza: higienizava, trocava o carvão, higienizava onde passava o gás, creio eu. Para desentupir. Fazia naquele local, sempre no mesmo lugar. Me lembro de ficar lá... [Risos] Assistindo o vendedor fazer aquele trabalho... Limpando o gasogênio.” No trecho “vennia quello de la Souza Cruz, com il gasogene”, foi adaptado para: “vinha o caminhão da Cruz e Souza, que era movido a gasogênio.”, com o intuito de facilitar a compreensão da frase. Em uma tradução literal, ficaria: “vinha aquele da Souza Cruz, com o gasogênio.” (N.T.).

**G.D.- Ah, tá! Em Santa Maria, né?**

**V.R.-** Sim, tu ouviu falar? Do Chevrolet?

**G.D.- Sim.**

**V.R.-** Pois é, a princípio é esse. Só que não era assim. Era um negócio, assim, de ferro fundido pesado. Isso aí é um sistema bem mais...

**G.D.- Uhum...**

**V.R.-** Mas é... O princípio é o mesmo.

**G.D.- E tem alguma história, assim, do pessoal que veio “pra”... Que foi de Rodeio “pra” lá? Que contavam depois [da Guerra].**

**V.R.-** Bem, eles contavam. Tinha o... Um... Tinha um, que era muito “gozadão”, assim, brincalhão, e que falava das coisas, “né”?! Que ele era... Ele, por exemplo, dizia que ele (ia lá... É... Pegava o café... O pó usado. Ele secava. E ia lá vender para os italianos. “Olha que miseráveis. Vendia lá, vendia lá!”  
**[Risos]** E o meu tio, Leopoldo, ele, assim, conta das coisas, assim, que... Apertos que ele passou, “né”?! E, que ele participou das batalhas. E... O meu tio disse que, sabe?! E ele também alegava que não tinha muito treinamento. E, então isso fazia falta. E eles tinham medo. E também eles tinham medo e eram aconselhados a não se arriscar, sabe?!

**G.D.- Uhum. E, no caso, lá eles enfrentaram as tropas alemãs e...**

**V.R.-** Sim. Mas “ali”... É... É que eu tenho um... Um pensamento, assim. Eles, enfrentar... Não tinha um... Era, assim, um... Um exército destruído, quando... Aqueles que eles enfrentaram. Porque, você imagina, o Brasil destreinado, nem roupa tinham, eles ganharam a roupa lá. “Pra” inverno. Se fosse para enfrentar uma divisão alemã daquelas da “Wehrmacht”<sup>65</sup>. Que... Aqueles que, sabe? Não sobrava um. Ninguém... Ninguém resistiu às tropas. Foram à França e “fizeram uma festa”. A França não quis... Não quis enfrentar, fizeram um acordo para não destruir Paris. Hitler<sup>66</sup> aceitou. Paris

---

<sup>65</sup> Significa “Força de Defesa”, nome dado às forças armadas alemãs, que existiu entre 1935 e 1945, durante o período da Alemanha Nazista.

<sup>66</sup> Líder da Alemanha durante o período da Segunda Guerra Mundial, responsável por impor o nazismo no território alemão e em alguns dos países invadidos pela Alemanha Nazista, um regime autoritário com viés fascista, que se estendeu até 1945, ano de sua morte e derrota na Segunda Guerra Mundial.

não foi bombardeada, porque fizeram um acordo. Fizeram um grande acordo, na verdade. Aquele governo “lá”, que chamavam o “Governo de Vichy”<sup>67</sup>, ele... A “turma” dizia que eles eram traidores, mas eles fizeram um... Isso aí... Trocaram, “né”, a invasão, “pra” não destruir a cidade. E eles se estabeleceram em outra cidade, “lá fora”. E a Alemanha... Com... O... A Alemanha, é... Ela ocupou, praticamente, só a metade da França. Ela fez um acordo. As colônias francesas não foram tocadas. Permaneceram. Então foram... É... É... Hoje em dia eles falam, “né”, que foi, assim, muito bem pensado. Que foi heroico. O De Gaulle, chamava eles de traidores. O general De Gaulle chamava eles de traidores. Assim, mas... E... E... Porque dizem que, chegou uma certa hora, o De Gaulle “tava” na Inglaterra. Aí, o De Gaulle “tava”... É, queria “brigar”. Daí, dizem que o Hitler mandou minar tudo lá em Paris, “né”?! “Se nós tivermos que sair, nós vamos ‘botar tudo pelos ares!’” Mas, depois voltaram atrás, e acolheram tudo de novo. Não aconteceu. Que, senão, teria sido uma desgraça, “né”?! É... Estragar tudo “ali”... O que tem em Paris, tão bonito. Não mexeram em nada. Foi um acordo. Eles só tomaram os hotéis, estabeleceram os comandos nos hotéis mais de luxo que “tinha” lá em Paris. Os quartéis gerais. E... Mas o Brasil... Eu fui... Eu... Eu fui... A Legião do Brasil marchou. Saíram de São Paul... Do Rio de Janeiro. Foram “pra” Napoli. E, de Napoli, eles embarcaram... Os navios grandes, “né”?! De Napoli eles embarcaram em “lanchões”<sup>68</sup> e foram “pra” Livorno. Livorno. “Aí”, desembarcaram em Livorno. “Aí”, perto de Livorno, tem uma grande base americana ainda “hoje”, que eu vi. “Aí”, de Livorno, eles começaram a marcha. Até uma cidade lá perto de Turim, chamada Alessandria. Chamada Alessandria. E, lá eu fui também. Que eles vieram de Alessandria. Daí eu fui ao Cemitério de Pistoia<sup>69</sup>. Aquele Cemitério “lá”. Tudo... Que eles passaram

---

<sup>67</sup> Estabelecido na cidade de mesmo nome, o governo de Vichy foi o nome dado ao Estado francês sob o governo de Philippe Pétain, durante a Segunda Guerra Mundial, que posicionou-se contrariamente à resistência francesa durante a invasão alemã, por vezes, sendo colaboracionista com o governo nazista, sendo uma força de influência do governo nazista na França, sendo conivente com a ocupação alemã no território.

<sup>68</sup> Provavelmente se referindo às lanchas usadas para transportes de combatentes na Guerra.

<sup>69</sup> Localizado em Pistoia, na Itália, foi o cemitério utilizado para o sepultamento dos corpos dos membros da Força Expedicionária Brasileira (FEB) e do 1º Grupo de Aviação de Caça,

por Pisa, passaram por todos aqueles... Que chamam “Montes” e “Forno”, Monte Castelo. Foram “subindo”.

**G.D.- “Ali” é já... Na Emília-Romana? Ou na Toscana?**

**V.R.-** Na Toscana. É... “Ali” é Toscana. Agora, “lá pra cima” eu não sei o que que é. Porque é perto de Torino. Mas lá, não... É Piemonte! Torino é Piemonte. Acho que eles não passaram na Emília-Romana, não. Ou sim?

**G.D.- Porque fica antes, né?**

**V.R.-** É, acho que não passaram. Que ali é Piemonte. É... Ou... É Toscana. Pisa é Toscana.

**G.D.- E tem mais alguma coisa, assim, que os expedicionários contavam? Ou eles não eram muito de contar as...**

**V.R.-** Não. Olha, o meu tio contou muita coisa, assim. Eu sempre ia lá conversar com ele. Mas... E tinha o Germano Dallarosa, que era do **[Rodeio]** “50”. Que ele era da enfermaria. Ele trabalhava na enfermaria. E o meu tio era da infantaria. Então, o meu tio conta que eles deram um fuzil automático, que eles chamam de “FAL”. E ele era usado, agora... Não me lembro mais. Mas até pouco tempo esse fuzil era usado. Fuzil automático. F, A, L: Fuzil Automático Leve. E, eles deram “pra” ele. Ele não tinha... É... Treinado. “*I ga dit che i ga dit*”<sup>70</sup>: “Você vai treinar lá na trincheira! Lá você vai aprender a atirar”. “*I ga dit così. No so se l’è vero.*”<sup>71</sup> **[Risos]** E eles foram daqui... Eles foram “pra”... De Blumenau “pra” Caçapava. Caçapava, é uma cidade no interior de São Paulo. “Pra lá” de São José dos Campos. Não sei se você... Depois vem Aparecida, mais “pra” frente...

**G.D.- Uhum.**

**V.R.-** Foram à Caçapava. “Lá”, de Caçapava, eles foram “pro Rio”, “pra” embarcar. E ficaram lá no campo do Vasco. E eles eram “pra” ser incorporados... O... O... O... O Batalhão de Caçapava se chama “Sexto BI”. O “6º Batalhão de Infantaria”. Eu fui lá, entrei e visitei o quartel e tudo. Tem “lá”

---

combatentes que perderam a vida lutando contra as tropas alemãs no território da Itália, durante o final da Segunda Guerra Mundial.

<sup>70</sup> Em português: “Ele disse que falou:” (N.T.)

<sup>71</sup> Em português: “Ele disse que falaram isso. Não sei se é verdade. (N.T.).

as batalhas escritas “lá” na parede. “Lá” fora no pátio. Tudo: Montes e “lá-lá-lá” ... Até, lá... Que o “Sexto BI” ... O “Sexto BI” participou prati... De todas as batalhas. Daí, é... Rodeio, era para ser incorporado no “Sexto BI”. Foram... Foram lá... Daí foram... Caçapava, tudo. Não foram incorporados no “Sexto BI”. Eles foram incorporados no “11º Batalhão de Montanha”! De... São João del-Rei, Minas Gerais. “Aí” o meu tio... Que aqui tem... Se você procura tem a relação ... *“Ghé tut quei de Rodeo. Ghè tuti su. Allora i ma dit el me zio “come che el va meter nel Bataglione de Montagna de São João del-Rei?”*<sup>72</sup> Parece que aqueles de Minas Gerais desertaram em quarenta por cento. Quando eram pra vir faltava quarenta por cento. **[Risos]** *“S’as conder, scampadi...”*<sup>73</sup> Que essas coisas “tudo”, não se sabe se é real... Ou não. E uma coisa que o meu tio contava, por exemplo. Exemplo... Tantas coisas ruins. Vamos contar as coisas boas. É... O quinto. Que o Brasil não... Não foi “pra” Itália com... A insígnia brasileira. Eles faziam parte do “Quinto Exército Americano”. “Cinco A”. Não sei se você viu, se você tem aqui... Tem a “Cobra Fumando”, que é o... Mas, “aqui” em cima, tem o “Cinco A: Quinto Exército Americano”. No “Quinto Exército Americano” a maioria eram “pretos”. O meu tio disse que. Tu sabes, estavam acampados, iam de a pé pra cidade. E ele vinha de a pé e passou um jipe preto [dos americanos] e não davam carona pros brasileiros. Ele me disse isso aí. E eu acredito, essa eu acredito. Porque, sabe como eles são... Brasileiro não tinha vez. Isso ele contou. Ele contou do frio. Que, realmente, era época de frio nos “Apeninos”<sup>74</sup>. Nas montanhas... As montanhas... Os “Apeninos” não são muito altos. É... Umas montanhas baixas. Só que era frio. Eles ganharam vestimentas americanas. Forradas, sabe? Com luvas... Ganharam “lá”. Mas, muita... Meu Deus! Meu tio contou muita coisa, mas eu não consigo... Sabe? Coisas assim... Eu não sei te dizer. Eu não sei te dizer, porque eu não... Pra não inventar coisas, “né”?!”

<sup>72</sup> Em português: “Todos aqueles de Rodeio. Estão todos em cima. Então, disse um dia: ‘Como que foi o ‘Batalhão de Montanha’ de São João Del Rei?’”. Ao dizer “em cima” (“su”), Valdir Rozza se refere aos registros, dado que os nomes estavam “em cima” dos registros.

<sup>73</sup> Em português: “Se esconderam, fugiram”. (N.T.).

<sup>74</sup> Cordilheira de montanhas que se estendem nas regiões da Itália Central e na Costa Leste da Itália, com 1.000 Km de extensão. (N.T.).

**G.D.- Uhum. Mas, eu acho que era mais ou menos isso.**

**V.R.-** Se tu quiser mais alguma coisa.

**G.D.- Tem mais alguma coisa que lembras e que achas que seria interessante?**

**V.R.-** *“Sai che... Mi so che quando i arrivà quà... ‘El Poldo, né?!’ Dopo lui è resta mio zio. S’a maridà con’a sorela de la mia mama. Alora, mi ricordo che noi altri sem’ vegnì zo de la scuola. El nono Stefan era so pare. Disea “El nono Stefan”. El vegnia, zo: ‘Mateloti, mateloti! Vegnì quà vederli me fiol! El Poldo che la vegnù de la guerra!’ Quel mi ricordo. M’par de vederle ancor come ancoi. ([Risos] Disea: ‘Vegnì vederle che el povero del me fiol che ha vegnì de la guerra. La vegnù com quele robe militar, verde!’”<sup>75</sup> Isso eu me lembro. Mas eles contavam muita coisa. Só que eu não... O meu tio contava muita coisa. Casas, assim, que eles... Porque eles não estavam sempre na batalha. Eles iam ao front e voltavam. Iam “ali” nos vilarejos, com as pessoas. “Diz” que eles faziam amizade com as famílias, “né”?! “Alora, i è nadi en disdoto de Rodeo. Perché... perché savea parlar talian.”<sup>76</sup> Mas eu quero... Aquele dialeto eu vou te mandar. Tu vai ver. Eu vou mandar “pra” você. Você vai gostar. Eles mandaram aqui, justamente por causa do confronto indireto do deles com o nosso.*

**G.D.- Não, mas “tá” bom!**

**V.R.-** Eu gostaria de te informar. Que eu sei, assim... Sei o que aconteceu, mas às vezes... Um fato. Um fato aqui, um fato ali. Mas, “ái”, no Erico, tu pode ir na hora que tu quiser. Eu... Tu... Depois, você tu me diz. Tu pode ter certeza que ele vai te receber bem! E eu vou... Porque eu vejo todo dia ele na rua. Também vou dizer “pra” ele que você gostaria de falar com ele... Que você

---

<sup>75</sup> Em português: “Sabe que... Só quando que... Quando que ele chegou aqui... ‘Folga, “né”?! Depois ele se tornou o meu tio. Ele se casou com uma irmã da minha mãe. Então, me lembro que nós estávamos vindo lá da escola. O avô Stefano era o pai dele. O chamávamos de “Avô Stefano”. Ele vinha: ‘Crianças, crianças! Venham aqui ver o meu filho! O pobre que voltou da Guerra!’ Aquilo eu me lembro. Parece que vejo isso de novo, como que fosse hoje. [Risos] Ele dizia para nós: ‘Venham ver aqui o pobre do meu filho que veio da Guerra!’ Ele tinha aquelas roupas militares... Aquelas verdes. (N.T.).

<sup>76</sup> Em português: “Então, eles tinham ido em dezoito de Rodeio. Porque... sabiam falar italiano.” (N.T.).

vai procurar ele. Que tu vai ver. Pode ir, que eu garanto para você que você vai ser bem recebido.

**G.D.- Certo. Então, era mais ou menos isso. A gente agradece pelo espaço, “né”?!**

**V.R.-** Não, se quiser alguma coisa a mais. Não sei, tudo o que eu posso. É que eu tenho medo também, de informar... Sempre gostaria de passar, sempre, uma informação correta.

**G.D.- Sim... Não, mas já... Ajudou muito.**